

USINA DE PROBLEMAS

Barragem que custou US\$ 1 bilhão não produz mais energia



☐ Área da floresta amazônica inundada	2.380 km ²
☐ Potência instalada	250 megawatts
☐ Valor de venda para efeito de privatização	US\$ 100 milhões

Artístico

02 SP
24/8/98 B-C cont.

Usina agride o ambiente e só produz 4 meses por ano

Equipamentos ficam boa parte do tempo em manutenção, por causa da floresta submersa

KATIA BRASIL

Especial para o Estado

MANAUAS – A Hidrelétrica de Balbina foi inaugurada em 1989, anunciada oficialmente como “a maravilha que trará conforto e bem-estar à população”. Passados nove anos, a barragem é vista como um grave atentado à natureza. Sua capacidade de produção de energia é plena em apenas quatro meses do ano.

As cinco turbinas, desgastadas e com problemas de manutenção, produzem hoje 135 megawatts. O consumo dos 1,5 milhão de habitantes de Manaus é de 480 megawatts. O custo da energia de Balbina é R\$ 90,00 o megawatt, segundo a Eletronorte. “É a energia mais cara do País”, afirma o presidente do Sindicato dos Urbanitários do Amazonas, Raimundo Félix.

“Havia alternativas, como a importação de eletricidade de Guri, na Venezuela, ou a construção da Hidrelétrica de Cachoeira Porteira, no Pará”, afirma.

O secretário estadual de Indústria e Comércio

do Amazonas, Cristóvão Marques Pinto, diz que o governo já sabia da existência das jazidas de gás natural na região, mas optou pela alternativa mais cara e polêmica, Balbina.

O superintendente da Manaus Energia (ex-Eletronorte), William Moreira Frota, discorda das críticas. “O projeto de Balbina foi tecnicamente correto e viável e evitou um racionamento mais grave”, afirma. Ele reconhece, no entanto, as falhas na produção de energia por causa da baixa fluência da bacia hidrográfica do Rio Uatumbá, que abastece o lago da hidrelétrica. “A energia de Balbina atende a 30% da demanda no verão e 70% no inverno, mesmo com a pouca água.”

No último verão, a influência do fenômeno climático El Niño baixou o nível do reservatório para a cota mínima de 43,95 metros. Balbina produzia apenas 35 megawatts, menos que a capacidade de apenas uma de suas turbinas.

O racionamento de eletricida-

de levou a população ao desespero. As indústrias tiveram um prejuízo de US\$ 1 bilhão no ano passado. Escolas mudaram o calendário de aulas e duas mortes de bebês foram registradas em uma maternidade por causa da falta de luz.

“Faltou competência para estimar o aumento da densidade demográfica da capital”, afirma o sindicalista Raimundo Félix. No ano passado, a Eletronorte foi a campeã de reclamações no Procon, com 702 queixas. Até julho, já são 499 reclamações.

A crise no abastecimento e o descumprimento de acordo com o Ministério Público Estadual resultou em uma multa de R\$ 720 mil. A multa foi em parte decorrente do atraso da operação dos produtores independentes, alternativa da Eletronorte para suprir a deficiência de energia.

Termoelétricas flutuantes – Os produtores El Paso e CMI Power, ambos dos Estados Unidos, venceram licitação para o fornecimento de emergência de 340 megawatts à cidade. Cada megawatt custaria

US\$ 22,00, produzido com a queima de óleo em termoelétricas flutuantes. Hoje, a El Paso produz 160 megawatts e a CMI, apenas cinco megawatts.

A CMI foi multada em R\$ 5,3 mil pelo Instituto

de Proteção Ambiental do Amazonas, depois que poluiu um trecho do Rio Negro com óleo diesel. Os erros técnicos do projeto não ficam só na produção de energia, afirma o doutor em ecologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Phelipe Martins Fearnside, um dos ambientalistas mais críticos do projeto de Balbina.

Segundo o ecologista, cada uma das cinco turbinas da hidrelétrica exige 2,67 metros cúbicos de água por segundo. A viabilidade média anual do rio, contando com os índices pluviométricos, permite que apenas duas turbinas possam produzir 50 megawatts.

Quanto ao impacto ambiental, o ecologista diz que a decomposição da vegetação submersa liberou gás carbono e metano, contribuindo para o efeito estufa. Estudos de Phelipe Fearnside detectaram que a falta de oxigênio na água do reservatório provoca a liberação de metilmercúrio, fórmula que envenena peixes e plantas.

FALTA DE
ENERGIA DEU
PREJUÍZO DE
R\$ 1 BILHÃO